

**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

## **“O FUNK NÃO É MODISMO É NECESSIDADE”<sup>1</sup>: O FUNK E O DIÁLOGO INTERCULTURAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Deivid de Souza Soares; Raquel Amélia dos Santos  
Cleber Gibbon Ratto, Orientador  
Universidade La Salle

### **RESUMO**

O presente trabalho apresenta parte da pesquisa que está sendo realizada no mestrado em Educação, buscamos responder “quais as (im)possibilidades do diálogo intercultural entre o funk – como um componente da cultura juvenil – e a cultura escolar da Educação de Jovens e Adultos?” Será realizado um estudo de caso, em uma escola municipal da cidade de Canoas/RS. Utilizando grupos de discussões com os jovens, e entrevista semi-estruturadas com os professores, como instrumentos de coleta de dados.

**Palavras-chave:** *EJA, Interculturalidade, Juventudes.*

**Área Temática:** Ciências Humanas

### **1 INTRODUÇÃO - PROPÓSITO CENTRAL DO TRABALHO**

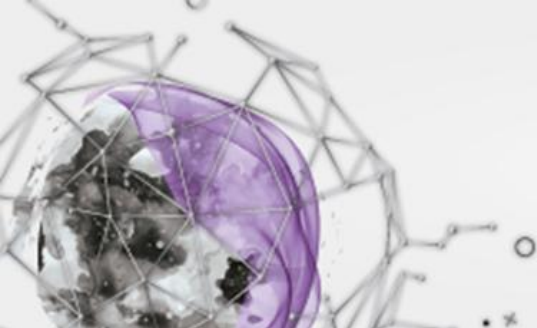
A proposta deste trabalho é apresentar parte da pesquisa “os jovens e o funk na Educação de Jovens e Adultos: (Im)possibilidades de diálogo intercultural”, desenvolvida no mestrado em educação do programa de pós-graduação em Educação da Universidade La Salle. A pesquisa tem como problema de pesquisa, quais as (im)possibilidades do diálogo intercultural entre o funk – como um componente da cultura juvenil – e a cultura escolar da Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Dessa problemática surge o objetivo de “compreender as (im)possibilidades do diálogo intercultural entre o funk, como componente da cultura juvenil, e a cultura escolar da EJA, em uma escola situada na região metropolitana de Porto Alegre.”

Buscando responder este problema, bem como atingir o objetivo proposto, será desenvolvida uma pesquisa qualitativa, através de um estudo de caso, a se realizar em uma escola municipal, na cidade de Canoas/RS. A escola está localizada no bairro Guajuviras, na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre. Os alunos da escola são, predominantemente, moradores das ocupações: “ACADEPOL, Contel, Esperança I, Esperança II, Santa Rita de Cássia, São João, São José, São Miguel, Pantanal, Por do Sol, Nancy Pansera e do Residencial Ildo Meneghetti.”(PPP, 2016, p. 6), tendo a escola a capacidade de atender 1.500 alunos, sendo que no Censo de 2016, constavam 1.215 matriculados, nos três turnos de atendimento.

A escola tem uma estrutura física adequada para o número de alunos que atende. Trata-se de um prédio de dois andares, com 20 salas de aula, sala da equipe diretiva, secretaria, sala de informática, sala de recursos, biblioteca, sala de professores, sala do Programa Mais Educação, cozinha e refeitório, banheiros e pátio que no momento está

---

<sup>1</sup> Rap do Silva – MC Marcinho.



**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

reduzido devido à construção de um pequeno ginásio com quadras cobertas. No piso superior tem dezesseis salas de aula, e no andar térreo as outras quatro salas de aula e os outros setores.

A biblioteca foi organizada em uma sala do mesmo tamanho das salas de aula e está localizada entre o saguão. Possui livros de literatura juvenil, de literatura infantil, gibis e enciclopédias antigas distribuídos em quinze estantes. Os empréstimos são feitos por turma uma vez por semana de acordo com a escala feita pela professora responsável.

Sala de recursos é um espaço de atividades complementares dos processos de ensino/aprendizagem destinado à alunos com deficiência física, sensorial e ou intelectual, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades. Esses alunos são atendidos duas vezes por semana em módulos aula de 50 minutos, individualmente ou em grupos três.

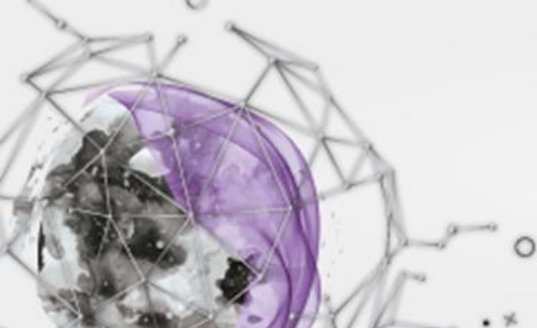
A sala de informática tem 32 computadores sem uso há quatro anos devido a falta de um profissional qualificado para a manutenção e para uso pedagógico. Além disso, a escola não tem internet para tal demanda. Portanto, a sala de informática é um espaço com equipamentos ociosos.

A Educação de Jovens e Adultos contempla alunos da idade mínima de 15 anos o turno da tarde com projeto chamado de Educação Cidadã. No turno da noite há aproximadamente 160 estudantes jovens e adultos cujas idades variam de 15 à 74 em turma de alfabetização/anos iniciais até os anos finais do Ensino Fundamental (6º e 9º anos). Em geral os alunos são trabalhadores que estudam a noite. A aula tem início às 18h30min quando é servido o jantar. Todos os alunos podem jantar na escola. Os dados da escola, foram coletados através de observação não participante, bem como nos documentos norteadores da escola, projeto político pedagógico, regimento escolar.

O projeto Educação Juventude Cidadã é oportunizado pela rede municipal de ensino a jovens com distorção ano/idade, maiores de 15 anos, que estejam na totalidade 2, conforme a citação abaixo:

A oferta diurna da proposta de educação cidadã da modalidade EJA, atende, preferencialmente, os educandos em distorção idade-série entre 15 (quinze) e 17 (dezessete) anos de idade, denominando-se EJA – Educação Juventude Cidadã, igualmente referente à Totalidade 2 do 2º Segmento, com base na unicodência e conhecimento integral. (CANOAS, 2014, p. 49)

Até o ano de 2017 os alunos realizavam os estudos ao longo do ano, de sexto, sétimo, oitavo e nono ano, no término do ano letivo os alunos concluíam seus estudos, terminando o ensino fundamental. No ano de 2018 o projeto teve uma reorganização e um novo regimento, tendo dois módulos, sendo o 1º módulo: 6º e 7º ano, e 2º módulo: 8º e 9º ano, onde os avanços ocorrerão ao término de cada semestre. Os professores regentes das turmas Juventude Cidadã participam de formações quinzenais promovidas pela unidade da Educação de Jovens e Adultos da SME. Compreendendo a impossibilidade de abarcar em totalidade os fatores e públicos das pesquisas sociais, selecionamos como sujeitos da pesquisa os educandos da EJA, jovens de 15 à 29 anos, que tenham relação prévia ou atual com o gênero musical funk, bem como os professores que atuam com estes jovens.



**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

Conforme foi apresentado no relatório Agenda Juventude Brasil, 16% de jovens possuem o ensino fundamental incompleto, 11% o fundamental completo, 21% de jovens com o ensino médio incompleto, 38% de jovens com o ensino médio completo. Sendo que 35% dos jovens apresentam uma defasagem idade/série. O documento ainda apresenta que 74% dos jovens estão incluídos de alguma forma no mundo do trabalho, contra a 37% na escola. Sobre violência, podemos destacar a partir dos dados coletados no atlas da violência, do IPEA e FBSP, que apresenta dados de 2015, 47, 8%, dos jovens, de 15 à 29 anos, têm o homicídio como causa da morte, se trocarmos a faixa etária, para até 19 anos, de 2005 à 2015, 318 mil jovens foram assassinados. A realidade dos jovens no Brasil faz com que seja necessária a ampliação das discussões sobre a temática nas pesquisas educativas, bem como nas práticas escolares.

## **2 REVISÃO**

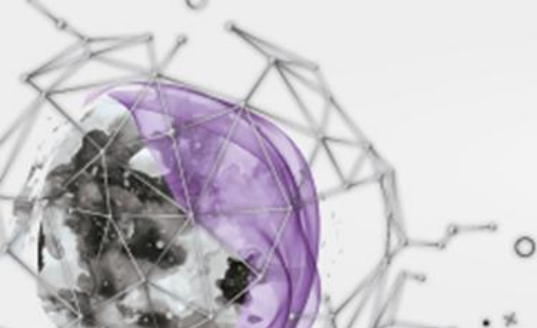
O marco teórico que sustenta a pesquisa divide-se em três blocos, “juventudes e funk, EJA e cultura escolar, diálogos interculturais e práticas educativas”. Dessa forma buscaremos apresentar ao longo deste trabalho o bloco teórico diálogos interculturais e práticas educativas. Ainda assim, destacaremos também os conceitos relevantes para a discussão sobre a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, bem como os estudos sobre juventudes.

Para efeitos de lei, através do estatuto da juventude, lei 12.852/2013, considera-se jovem, pessoas com idades de 15 à 29 anos, sendo que de 15 à 18 anos, adolescentes. Já alguns teóricos sobre juventudes, como Dayrell (2005), apresentam que, juventude é uma construção histórica, para além de critérios de idade ou biológicos. Dessa forma, existem diversas jeitos de viver a juventude, para o autor:

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. (DAYRELL, 2005, p. 4)

Conforme afirmam Carrano e Martins (2011), as culturas juvenis surgem como uma contraposição às culturas não juvenis, sendo essas culturas instituídas e que limitam os locais de expressão para os jovens. Os autores, ainda ao falar de cultura, a caracterizam como “um conjunto de contribuições, trocas simbólicas (muitas vezes conflituosas) e resistências ativas em que cada grupo se faz presente”. Dessa forma, vê-se as culturas juvenis como as contribuições, trocas e resistência do grupo sobre outra cultura. Pais (1990) apresenta que:

Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de



**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

juventude, como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista). (PAIS, 1990, p. 140)

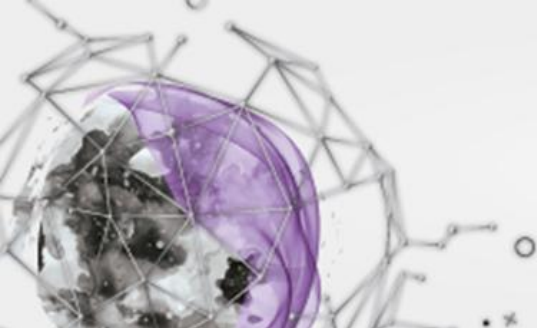
Salientamos a importância de percebermos que assim como a construção do modo de viver a juventude, as culturas juvenis são construídas de acordo com a realidade dos jovens, como salienta Dayrell (2005), é através da cultura juvenil, que são transformados os espaços físicos e sociais. Para os autores (CARRANO E MARTINS, 2011) a cultura internacional juvenil é apropriada de diversas formas pelos jovens, por conta das desigualdades sociais e socioculturais de cada grupo. Dessa forma, as culturas juvenis são acomodadas pelos jovens de acordo com a realidade em que vivem. Por tanto, os jovens da periferia, em contato com a cultura internacional juvenil, identificam-se de acordo com suas trajetórias de vida e a realidade social em que estão inseridos.

Em síntese, podemos afirmar que a sociabilidade para esses jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. Nesse sentido, podemos entender os grupos culturais como produtores de sociabilidades. Ao mesmo tempo, permite-lhes diminuir a distância entre a vida cotidiana e as imagens que vêm da sociedade, funcionando como instância de mediação. (DAYRELL, 2005, p.16)

A pesquisa busca identificar de que formas há diálogo intercultural entre as culturas juvenis e a cultura escolar, que Julia (2001), define como um conjunto de normas, práticas que permitem a transmissão de conhecimento, bem como comportamentos, de uma época, de socialização, sociopolíticas ou religiosas. Dessa forma, percebemos uma cultura escolar da EJA, marcada pelas realidades vividas ao longo de sua trajetória histórica, tais como: a inclusão de jovens com problemas disciplinares, inclusão dos alunos com necessidades especiais, métodos de alfabetização, bem como práticas supletivas no cotidiano escolar (SOARES, 2002).

A interculturalidade crítica surge dos movimentos sociais, partindo de caminhos opostos da interculturalidade funcional, não estando limitada a política, cultura e sociedade, mas também perpassa pelo saber e o ser. Sendo assim, é dizer que se preocupa com o preconceito em relação ao conhecimento, que privilegiam uns sobre outros, estando, também, centrada na discussão dos seres e saberes de resistência, conforme afirma Walsh, (2002, 2005 e 2006).

Para ela, a interculturalidade crítica seria uma prática pedagógica que problematiza as relações de poder, a inferiorização, a subalternização; que busca condições de compreender as diferenças de forma legítima e digna; que encoraja a criação de modo outros de ser, viver e pensar. Sendo assim, a interculturalidade crítica necessita de uma pedagogia percebendo ela como além de um sistema educativo ou processo de ensinar, mas sim como um processo de prática político social e transformador, que compreende a trajetória histórica, as subjetividades e lutas de uma sociedade, que foram regidas pela estruturação colonial. Neste sentido, as práticas se aproximam de uma pedagogia crítica, que teve início com Paulo Freire, na década de 60.



**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

Asumir este tarefa, implica un traballo de orientación de-colonial dirixido a quitar as cadenas que aún están en las mentes como decía el intelectual afrocolombiano Manuel Zapata Olivella, desesclavizar las mentes como decía Malcolm X, y desaprender lo aprendido para volver a aprender, como argumenta el abuelo del movimiento afroecuatoriano Juan García. Un trabajo que procura a desafiar y derribar las estructuras sociales, políticas y epistémicas de la colonialidad– estructuras hasta ahora permanentes- que mantienen patrones de poder enraizados en la racialización, en el conocimiento eurocéntrico y en la inferiorización de algunos seres como menos humanos. Es a eso a lo que me refiero cuando hablo de la de-colonialidad. (WALSH, 2006, p. 12)

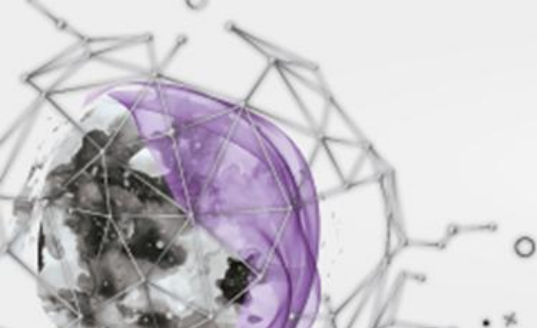
Assim como as contribuições anteriores, na educação popular também se dá em um universo heterogêneo, inicialmente mais aparente nos âmbitos da educação não formal. Mas, a partir dos anos 80, percebe-se a presença nas reformas e renovação dos sistemas escolares. Inspirada nos trabalhos desenvolvidos por Paulo Freire na educação de adultos vem à tona a valorização cultural do analfabeto, objetivando o empoderamento desse adulto. As contribuições de Freire são hoje valorizadas mundialmente e referência em propostas educativas que envolvam as diferentes culturas e o diálogo entre os saberes (CANDAUE RUSSO, 2010).

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de um estudo de caso, aplicado em uma escola municipal da rede de ensino de Canoas/RS, tendo como sujeitos da pesquisa os jovens educandos da EJA – Educação de Jovens e Adultos, do turno diurno, participantes do projeto Juventude Cidadã. Utilizaremos neste trabalho, bem como ao longo da pesquisa a referência de que jovens, são as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade, conforme o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852. Sendo assim, utilizamos este critério de corte, bem como o envolvimento dos jovens com o ritmo musical “*funk*”. Integram também as pesquisas os professores que atuam com estes jovens.

Serão utilizados dois instrumentos de coletas de dados, com os jovens irão ser realizados grupos de discussões, pelo fato de ser um espaço mais significativo e oportunize uma coleta mais rica, com informações específicas que podem surgir no coletivo, como apresenta Weller (2006), ao afirmar que os grupos de discussão são uma possibilidade de coleta de dados com os jovens, além de a autora traçar uma evolução histórica do método dentro das pesquisas sociológicas. Segundo a autora, os grupos de discussão auxiliam na análise das vivências típicas desta fase. Para ela:

(...) os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. (WELLER, 2006, p. 247)



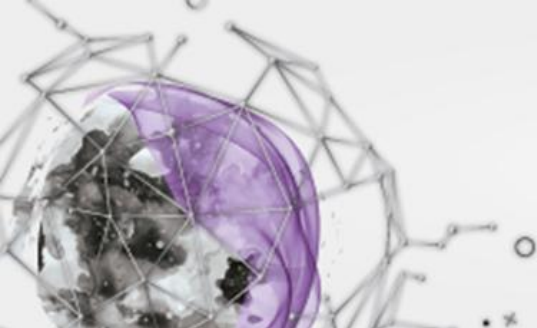
Pelo fato de conseguir construir discursos coletivos através dos grupos de discussão, também levando em consideração o fato dos jovens se sentirem mais à vontade para relatar suas vivências e percepções sobre o tema da pesquisa, opta-se por este instrumento de produção dos “dados”. Os grupos serão organizados da seguinte forma:

| Encontro | Tema do encontro                               | Objetivos  |
|----------|--|--|
| 1º       | Apresentação e aproximação com os jovens;      | <ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer o grupo participante da pesquisa;</li><li>- Conhecer a trajetória do grupo na escola e como se deu a sua inserção no projeto “juventude cidadã”;</li><li>- Integrar os jovens da pesquisa;</li><li>- Combinar o funcionamento do grupo.</li></ul> |
| 2º       | Bairro, momentos ou lugares de lazer e o funk; | <ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer os espaços de lazer disponíveis;</li><li>- Observar a presença do funk nos momentos de lazer;</li><li>- Conhecer o bairro onde os jovens estão inseridos.</li></ul>   |
| 3º       | Funk e espaços de diálogo com a escola;        | <ul style="list-style-type: none"><li>- Analisar como o funk chega dentro do espaço e escolar;</li><li>- Discutir a existência de diálogo entre as culturas: escolar e juvenil;</li></ul>  |
| 4º       | Relação cultura escola x cultura juvenil       | <ul style="list-style-type: none"><li>- Perceber como os jovens observam e vivenciam o reconhecimento da sua cultura dentro dos espaços escolares.</li></ul>   |
| 5º       | Pertencimento                                  | <ul style="list-style-type: none"><li>- Verificar a existência ou não do sentimento de pertencimento dos jovens a escola;</li><li>- Conhecer o que os jovens esperam da escola.</li></ul>  |

Roteiro dos grupos de discussão - **Fonte:** Elaborado pelo autor

Já com os professores serão realizadas entrevistas semi-estruturadas, Duarte (2004) apresenta que para uma boa entrevista é necessário:

- a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introjetados — não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”);
- b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo — egos focais/informantes privilegiados —, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo);



**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

- c) a introjeção, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista (fazer uma entrevista “não-válida” com o roteiro é fundamental para evitar “engasgos” no momento da realização das entrevistas válidas);
- d) segurança e autoconfiança;
- e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação. (DUARTE, 2004, p. 216)

Durante as entrevistas serão abordados os seguintes temas, formação; tempo de serviço; experiência na EJA; a juvenilização da EJA e a Escola; conceitos de cultura escolar e juvenil; percepção do educador da relação dos jovens com o *funk*; percepção do educador com o *funk*; possibilidades de aproximação da escola com o *funk*; existência de práticas desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos que abordam o gênero musical *funk* e ou algum outro componente da cultura juvenil. Sendo assim, em síntese, os dados serão produzidos de duas formas: entrevistas com os educadores da EJA e grupos de discussões com os jovens.

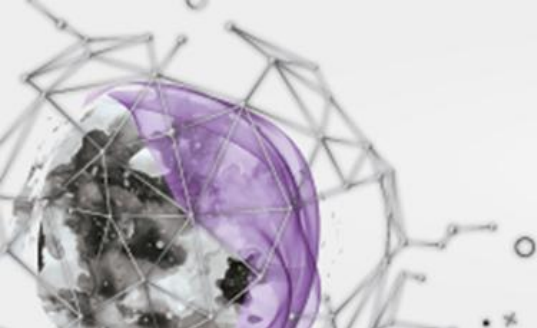
Como perspectiva epistemológica será utilizada a análise hermenêutica, pois a pesquisa desenvolvida busca o diálogo entre duas culturas, a juvenil, no caso o *funk*, e a escolar, da EJA; consideramos que o conhecimento é produzido e conduzido através do diálogo com o outro, assim como apresenta Hermann (2003, p.83) “A hermenêutica é uma racionalidade que conduz à verdade pelas condições humanas do discurso e da linguagem.”. Para ela, o diálogo é essencial para hermenêutica, pois não existe um conhecimento absoluto, mas sim a experiência do conhecer, que ocorre através dele. Portanto, o aprender ocorre através do diálogo, tornando nítido os vínculos entre aprender, compreender e dialogar. O diálogo é a forma da hermenêutica filosófica se estruturar, pois é a partir dele que experimentamos a nossa singularidade, junto com a experiência do outro, deixando marcas em nós, cumprindo assim o seu objetivo.

Por fim, a compreensão hermenêutica possibilita a educação, através do processo formativo, que o “eu” se integre ao mundo, dando sentido ao que vem através da troca com o outro, reconhecendo as produções culturais que proporcionam o enriquecimento da nossa interioridade, portanto dando sentido ao que vem de fora, compreendendo o outro e o saber cultural.

Pela aproximação da hermenêutica e as discussões interculturais, conforme apresentamos acima, bem como a própria relação com o problema que norteia a presente pesquisa “quais as (im)possibilidades do diálogo intercultural entre o funk, como um componente da cultura juvenil, e a cultura escolar da Educação de Jovens e Adultos - EJA?” opta-se por utilizar a análise hermenêutica como perspectiva epistemológica.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a construção do marco teórico da dissertação, em específico o apresentado aqui neste trabalho, conseguimos perceber que, a interculturalidade em uma perspectiva crítica é pensada como uma prática ética, política e epistêmica, tornando, assim, os processos educativos fundamentais, onde, por meio deles, contesta-se a colonialidade, rebatendo o racismo e reconhecendo os diversos saberes e o diálogo entre os diferentes conhecimentos. (CANDAU E RUSSO, 2010). Fazendo uma relação com os jovens e as



**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

culturas juvenis, a educação numa perspectiva intercultural dará subsídios para o jovem se construir, bem como, empoderar-se em sua posição na sociedade.

Pode-se perceber que um dos principais desafios da interculturalidade, na educação, seria justamente a cultura escolar, pois conforme apresenta Julia (2001) ela vai se formando e caracterizando a partir de normas e práticas, que surgem a partir do contexto que se está inserida. Desta forma, uma pedagogia intercultural crítica, aproximada da pedagogia crítica e dos estudos de Freire e Fandon, assim como na pedagogia decolonial ter a sua história e sua origem, apoiada nas lutas e práxis dos movimentos indígenas e negro, vem se transformando nos últimos anos e estruturando-se como parte de um projeto e postura política (WALSH, 2006).

Conseguimos perceber que o *funk* foi aderido nas periferias, sendo assim o seu local de origem, justamente, um espaço que foi excluído da sociedade, pessoas que não se incluíam nos padrões culturais europeus, além do grande número de negros presentes nas comunidades e bailes *funk*. Desta forma, nota-se, conforme apresentam Lopes e Facina (2012), a exclusão do *funk* como música de qualidade, sendo uma nova forma de racismo. E, alinhado aos estudos da interculturalidade e decolonização, percebe-se, ainda, tratar-se de uma cultura dos excluídos que reivindica seu espaço de manifestação e reconhecimento. Portanto, vê-se a necessidade de um diálogo intercultural entre a cultura escolar e as culturais juvenis trazidas pelos alunos para a escola, no caso desta pesquisa, a cultura juvenil representada pelo *funk*.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/112852.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/112852.htm)> acesso em 10/08/2018.

BRASIL. **Agenda juventude Brasil**. 2013 disponível em:< <http://www.ondajovem.com.br/noticias-destaque/PesquisaJuventudeBrasil.pdf>> acesso em 09/09/2017

BRASIL. **Atlas da violência 2017**. 2017 disponível em: < [http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2017.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf) > acesso em 17/03/2018.

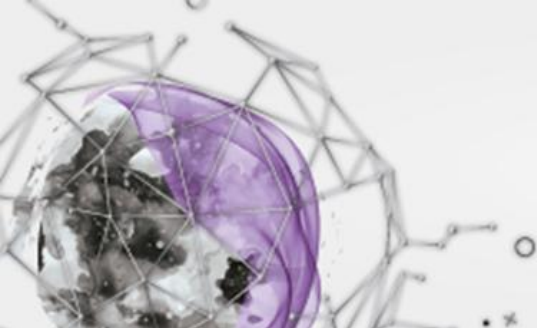
CANOAS. **Projeto político pedagógico**. 2014

CANOAS. **Proposta Político Pedagógica da EMEF Nancy Ferreira Pansera**. 2016

CANDAU, Vera M; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, 2010.

CARRANO, Paulo; MARTINS, Carlos H. A Escola Diante das Culturas Juvenis: reconhecer para Dialogar. **Educação**, Santa Maria, V. 36, n.1, p. 43-56, 2011.





**SEFIC2018**  
**UNILASALLE**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A  
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

**22 A 27**  
DE OUTUBRO

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Jóvenes Revista de Estudios sobre Juventud**, México, ano 9, n. 22, 2005.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista brasileira de história da educação**, nº1, p. 9 – 43, 2001.

LOPES, Adriana Carvalho; FACINA, Adriana. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas carioca. **Revista do Arquivo Geral do Rio de Janeiro**, V. 6, p. 193 - 206, 2012.

PAIS, José M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, p. 139 -165, 1990.

SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e Adultos: Diretrizes Curriculares Nacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WALSH, C.; GARCÍA, J. El pensar del emergente movimiento afroecuatoriano. Reflexiones (des)de un proceso. In: MATO, D. (Org.). Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales y Universidad central de Venezuela, 2002. p. 317-326.

\_\_\_\_\_. Pensamiento crítico y matriz (de)colonial- reflexiones latinoamericanas. Quito: Abya-Yala, 2005.

\_\_\_\_\_. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento otro desde la ‘diferencia colonial. In: WALSH, C. et al. Interculturalidad, descolonización del estado e del conocimiento. Buenos Aires: Signo, 2006. p. 21-70.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, 2006.